

FHC quer debater restrição à liberdade nos EUA

Susan Walsh/AP

Ex-presidente pretende incluir discussão crítica sobre o país no Diálogo Interamericano

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON – Em sua primeira intervenção como presidente do Diálogo Interamericano, um foro de estudos e debates que ajudou a fundar em 1982, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso pediu que a entidade inclua uma visão crítica sobre os EUA em lugar de focalizar apenas os problemas e desafios da América Latina. “Acho que é importante para o Diálogo colocar sobre a mesa também o que está acontecendo nos EUA em termos de democracia, em termos de governança global”, afirmou o ex-presidente durante evento de apresentação da análise que o grupo faz a cada dois anos sobre as relações hemisféricas, realizado ontem num dos prédios no Capitólio, a sede do Congresso americano.

“Um grupo como o nosso não pode ser restritivo e ver apenas o que está acontecendo na América Latina, precisa ser um diálogo”, afirmou Fernando Henrique. “Acho que está faltando (*analisar*) um ponto importante nesse relatório: até que ponto restrições nos EUA estão causando danos à democracia na América Latina.”

O ex-presidente referia-se, em parte, aos riscos de limitação das liberdades civis que a luta contra o terrorismo e colocam hoje, nos EUA. “Li recentemente um artigo interessante de Norman Mailer sobre isso”, contou ele. “Será que, em nome de assegurar a democratização no mundo, vão restringir as liberdades nos EUA?”, perguntou. “É preocupante se, para combater o terrorismo, se concebe que é preciso haver restrições aos direitos civis”.

Fernando Henrique mostrou-se preocupado, também, com a possibilidade de os EUA irem à guerra contra o Iraque sem um mandato expresso das Nações Unidas. Ele disse que ainda é



FHC: “O governo do presidente Lula não está fazendo nada por maldade. São as circunstâncias”

TEMOR É DE DANOS PARA A AMÉRICA LATINA

cedo para saber se é isso que acontecerá “porque os EUA continuam insistindo no caminho multilateral e estão tentando obter a aprovação de uma resolução no Conselho de Segurança”. Uma solução armada sem um mandato internacional teria repercussões muitas negativas para a governança global.

O Diálogo Interamericano apresenta uma visão franca sobre a região. “Desde o nosso último relatório, divulgado em

novembro de 2000, vimos as circunstâncias deterioraram-se em quase todos os países da região”, afirma o documento. “O crescimento parou, os investimentos externos caíram fortemente e o desemprego e a pobreza pioraram.”

Desordem – Numa alusão à eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que já foi membro do Diálogo, o relatório afirma que “líderes novos e cativantes emergiram em alguns lugares, mas as instituições políticas estão em desordem na maior parte da América Latina (e) vários países enfrentam crises nacionais que

podem levar anos para serem resolvidas”.

O relatório manifesta preocupação com o desequilíbrio da política da administração do presidente George W. Bush para a região, que tem hoje um foco quase que exclusivo na busca da liberalização comercial e não inclui outras dimensões.

O presidente-executivo do diálogo, Peter Hakim, classificou a atitude americana de “esquizofrênica” e previu que a falta de atenção a outros desafios que a região enfrenta e aos temas do relacionamento interamericano levará ao fracasso do projeto de liberalização comercial de Washington.